

O paradoxo da creche: lugar de acolhimento, lugar de separação

A influência das práticas institucionais na creche sobre a saúde mental dos bebês

Regina Orth de Aragão

Sumário

Breve histórico. O acolhimento aos pais. O processo de adaptação. Acompanhando a separação. O brincar. Formação e supervisão.

Há um paradoxo inerente à creche, relacionado ao fato de que ela é ao mesmo tempo a instituição que acolhe e cuida da criança e aquela que concretiza a separação entre essa e seus pais. Esse paradoxo cria uma contradição que perpassa todo o trabalho desenvolvido numa creche. O artigo propõe-se discutir de que maneira essa contradição pode favorecer a elaboração dessa experiência de separação que afeta a todos: o bebê, seus pais e os profissionais envolvidos com seus cuidados. No entanto, há uma condição para que essa elaboração se torne possível: é preciso que essa contradição possa ser reconhecida pela equipe da Creche com todas as suas implicações. Para tornar-se um lugar favorecedor do desenvolvimento e da própria constituição psíquica do bebê, que se encontra em plena formação nessa etapa da vida, a creche deve assumir inteiramente tudo o que está envolvido na situação de separação. Ao fazê-lo, ela pode tornar-se um espaço de prevenção e até mesmo um espaço terapêutico, contanto que certas condições do trabalho ali desenvolvido sejam respeitadas. Uma delas é o reconhecimento de que o bebê precisa ter uma relação privilegiada com uma educadora de referência, relação essa que

Regina Orth de Aragão é Psicóloga e Psicanalista. Pesquisadora do Laboratório de Psicopatologia Fundamental do Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

ajudará a criança a manter viva dentro de si a representação da figura materna ausente, condição básica para uma boa estruturação psicológica do bebê.

O exemplo de uma creche que funcionava em referência a uma perspectiva psicanalítica no que diz respeito à construção do psiquismo e à complexidade própria do processo de estabelecimento das primeiras relações entre a criança e os adultos será utilizado aqui para expor o efeito desse paradoxo sobre as práticas institucionais. Serão descritas as principais características da instituição que facilitam a elaboração das ansiedades de separação, levando em consideração os aspectos delicados e complexos envolvendo a relação entre a criança, sua família e a equipe da creche. Enfatizaremos três aspectos principais do funcionamento da creche que facilitam essas elaborações.

- A metodologia para o acolhimento da família mostrou-se adequada para responder positivamente às inquietações dos pais e das crianças. Assim, o centro era aberto aos pais em permanência, e suas comunicações com a equipe eram sempre levadas em consideração como relevantes e merecedoras de respostas cuidadosas de parte dos profissionais, compreendidas como modos de expressão da relação dos pais com a criança e com a creche.

- A composição vertical dos grupos de crianças, projetada para permitir a continuidade do vínculo entre a cuidadora e a criança durante dois anos assim como a atenção individualizada, favorecia também as interações ricas e variadas entre as crianças de idades levemente diferentes.

- A formação e a supervisão dos profissionais eram desenvolvidas especialmente durante períodos regulares de capacitação e de formação permanente, além das reuniões de supervisão, projetadas para serem verdadeiros espaços de expressão dos sentimentos ligados a essa experiência tão próxima e intensa de contato com crianças pequenas e seus pais.

Todas essas características são derivadas do conhecimento que temos da necessidade do bebê de ser psicologicamente apoiado e contido durante o período de separação. Todas elas visam ajudá-lo a construir, num esforço conjunto com os profissionais da creche e com sua família, uma base emocional segura para facilitar a constituição do seu *self*.

Breve Histórico

Com o objetivo de situar a creche em seu contexto sócio-cultural, é necessário fazer um breve relato de sua evolução histórica no Brasil. Como ocorreu em vários outros países, as primeiras creches no Brasil foram construídas nas primeiras décadas do século XX, para receber os bebês cujas mães trabalhavam nas fábricas vizinhas. No Brasil, a creche surgiu então como decorrência de uma necessidade social, até conquistar recentemente um reconhecimento formal. Ao longo do tempo, a creche foi adquirindo um caráter filantrópico, sendo destinada às populações mais carentes, criando uma forte associação entre creche e orfanato, levando as pessoas a defini-la como uma instituição destinada a crianças abandonadas. O atendimento dessas creches centrava-se principalmente nas necessidades físicas e nutricionais das crianças. De modo geral, não havia nenhuma visão educativa ou preventiva de suas ações. Essa situação, associada ao fato de que esses centros estavam destinados às famílias trabalhadoras ou de baixa renda, contribuiu para uma concepção negativa desse tipo de assistência, que ainda persiste na representação social das creches em nosso país. É verdade, no entanto, que essa representação vem mudando gradualmente nos últimos anos, como resultado de diferentes fatores. Um deles é a necessidade crescente das famílias de classe média para obter serviços de creche para suas crianças, na medida em que cada vez mais as mães escolhem manter sua atividade profissio-

nal depois do nascimento do bebê. Outro importante fator que tem contribuído para a melhoria das creches é a influência dos conhecimentos psicológicos e pedagógicos que enfatizam a relevância dos primeiros anos de vida. Assim, podemos observar uma lenta, mas profunda mudança da representação social dessa instituição. Entretanto ainda sofremos as conseqüências das limitações das políticas públicas, que não criam as condições necessárias para a melhoria quantitativa e qualitativa desses serviços básicos oferecidos às famílias.

Além disso, na cultura brasileira há uma forte crença numa disposição natural para se cuidar dos bebês. Olhamos para nós como um povo cordial e afetuoso, que naturalmente ama os bebês. Espera-se especialmente das mulheres que elas sejam capazes de cuidar de crianças a partir de uma espécie de aptidão natural. Por essa razão, e provavelmente também por causa da formação profissional insuficiente oferecida aos cuidadores e educadores, há uma falta de preparo especializado para que esses profissionais lidem com crianças pequenas. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, de 1996, representa uma mudança importante na legislação educacional brasileira sobre a questão. Define a educação infantil como a primeira etapa da educação básica, o que significa sua indispensabilidade. Nessa passagem do campo da saúde para o campo da educação, a creche insere-se nessa etapa inicial da educação, superando uma dicotomia inicial entre o que era da ordem do cuidado físico e nutricional, e o atendimento educacional propriamente dito.

Essa lei prevê que os profissionais da educação infantil devam ser professores qualificados, mas na prática eles são preparados para ensinar crianças mais velhas e não recebem a formação específica e a preparação necessária para cuidar e para lidar com bebês e crianças de até 3 anos de idade. Estamos atualmente num período no qual os esforços de alguns grupos profes-

sionais e institucionais começam a produzir seus efeitos na sociedade brasileira. Como resultado, esses esforços divulgam e reforçam a importância crucial de um “cuidado suficientemente bom” (Winnicott, 2000) nos primeiros anos de vida. É por isso que todas as iniciativas que reforçam essa direção são tão relevantes para os desenvolvimentos nesse campo.

Nesse contexto, é realmente raro que uma abordagem psicodinâmica seja utilizada no planejamento e na condução do funcionamento de uma creche. Algum progresso foi feito nas práticas educacionais. Hoje em dia está geralmente entendido que os bebês e as crianças pequenas têm necessidade de brincar e sabe-se que eles são sensíveis aos ambientes nos quais se encontram, de uma maneira que é determinante para seu desenvolvimento. No entanto, há uma tendência persistente em recusar a percepção do impacto emocional que um bebê sofre por estar separado de seus pais durante várias horas por dia, com todas as conseqüências que disso podem decorrer.

Sabemos, no entanto, que, se conseguirmos olhar para os riscos envolvidos no fato de levar um bebê para uma creche, poderemos organizar melhor o acolhimento, o cuidado e o trabalho na instituição, de tal maneira que esse sofrimento emocional possa ser muito reduzido e não tenha efeitos negativos sobre a criança. Além disso, ao fazê-lo, promovemos um melhor desenvolvimento infantil, em várias direções. Porque uma creche não é somente um lugar onde a separação acontece, mas é também um lugar de vida e conseqüentemente tem um papel fundamental no processo de constituição psíquica da criança, condição para seu desenvolvimento futuro. Como todos os estudos sobre o desenvolvimento infantil comprovam, esse processo só pode acontecer no interior de uma rede de relações significativas que vincule a criança ao seu ambiente humano. Numa creche, o fator mais importante é a relação que se

estabelece entre o cuidador e o bebê, a qual, por sua vez, é influenciada pelo número de crianças no grupo, pela proporção do número de educadores e crianças, pela formação e pelo nível educacional dos profissionais. Todos esses fatores têm interferência sobre as habilidades emocionais das quais o cuidador dispõe para lidar com as crianças.

Com o objetivo de ilustrar essa idéia, explicaremos a seguir a maneira pela qual uma creche organizou-se para lidar com a contradição decorrente da situação de separação que apontamos acima como parte essencial de uma creche. A abordagem psicodinâmica tinha dois impactos principais no funcionamento dessa instituição: em primeiro lugar, através dos princípios e das diretrizes que guiavam a organização do centro; em segundo lugar, através do desenvolvimento e da implementação das práticas institucionais. Como uma instituição investida de um papel de separação, a creche assume por vezes a função do terceiro que vai introduzir um espaço entre a mãe e o bebê. Esse novo cenário triádico, composto pelos pais, a creche e o bebê, favorece a observação das interações específicas que a criança desenvolverá com cada um de seus parceiros. Também, a atenção à vivência de separação vai influenciar toda a organização dos papéis profissionais e das rotinas institucionais. Ademais, esse conhecimento será crucial na preparação e na formação permanente dos profissionais envolvidos, direta ou indiretamente, com o atendimento à criança e à sua família.

O acolhimento aos pais

O primeiro contato entre pais e a equipe da creche é altamente significativo. Habitualmente os pais vêm ao centro pela primeira vez para fazer um visita e conhecê-lo, antes de decidirem se trarão ou não seu filho. Se eles decidirem trazer sua criança, serão convidados a participar de uma entrevista inicial, conduzida por um psicólogo da

equipe, com formação analítica. Esse encontro visa apresentar a creche aos pais, fazendo-os sentirem-se à vontade de tal maneira que possam expressar tanto suas expectativas positivas quanto seus receios e sentimentos negativos a respeito do atendimento que será oferecido pela creche à sua criança. Será também importante escutar dos pais as razões pelas quais estão escolhendo aquele momento na vida do bebê para levá-lo à creche.

Durante essa entrevista, o psicólogo dará uma atenção especial ao lugar que esse bebê ocupa na família, seu lugar entre os irmãos, se houver, o momento de seu nascimento na história do casal e dos pais. Além disso, será importante que os pais possam informar as características da criança que eles consideram importantes para serem transmitidas aos cuidadores. E também, um outro objetivo da entrevista é o de sensibilizar os pais para a importância do processo de adaptação, assim como de preparar com eles os passos a serem dados para a realização desse processo, do qual eles participarão ativamente.

O processo de adaptação

A adaptação envolve os pais, os profissionais e a criança. Muitos dos sentimentos latentes relacionados com a experiência de separação emergem durante esse período de adaptação, e eles devem ser levados em conta pela equipe, em especial por aqueles profissionais que estão acompanhando diretamente a entrada da criança na instituição. É fundamental que os sinais manifestados pelo bebê sejam cuidadosamente observados e levados em conta, em razão da significação que eles possuem quanto ao estado emocional da criança. O processo de adaptação é planejado para ser gradual e lento e deve acontecer com a participação da mãe, do pai e/ou de outro parente próximo e familiar à criança.

Supomos que mesmo um bebê de poucos meses já tenha a sua própria

história, ligada às primeiras relações estabelecidas com sua mãe, ou com as pessoas que cuidaram dele até então. Há também a história de sua vida fetal, que, ainda que pouco conhecida, deverá ser levada em conta se fatos marcantes aconteceram durante a gravidez. E o cuidador ou educador deverá “ouvir” o que o bebê lhe conta a respeito dessa sua história inicial, à sua maneira, através do seu comportamento, de sua linguagem corporal, de seu ritmo, de seu comportamento alimentar, de sua maneira de brincar, de sua preferência para o momento do adormecer, de seu modo de despertar. Mais ainda, espera-se que ambos, cuidador e criança, co-construam juntos um novo capítulo da história do bebê, a partir do momento de seu encontro.

Acompanhando a separação

Para a mente do bebê, a experiência de separação traz o risco de um aumento de sua tensão interna, pois a separação provoca frustração. Esse aumento da tensão interna busca uma saída através de diversas reações físicas. No entanto, essas não são as melhores soluções, porque elas interrompem a elaboração mental da experiência da criança. Uma das funções maternas é a de conter a excitação e a tensão de sua criança, e, em razão disso, ela atende à necessidade do bebê de manter em equilíbrio suas energias. Mais tarde, conforme o bebê internaliza essa função, ele se torna capaz de lidar com a separação por ele mesmo. Numa creche, acompanhar a separação significa ajudar a criança a lidar com a ansiedade provocada pela separação com seus pais através de diversas maneiras que são específicas para cada criança. Essa é uma das razões pelas quais o conhecimento prévio das características do bebê é tão importante para os profissionais que vão cuidar dele. É esse um dos papéis centrais da cuidadora, que se expressa através de sua atenção psíquica em direção da criança. Essa atenção psíquica manifesta-se através de suas

ações, suas verbalizações, seu brincar e sua maneira de interagir com o bebê.

O brincar

A brincadeira da criança indica o início de um processo de representação mental do objeto psíquico. Por exemplo, pegar e largar um brinquedo, mudar frequentemente de brinquedo ou manter o mesmo jogo, continuar a brincar mesmo quando é deixado sozinho. Não é necessário que a criança brinque sempre com a cuidadora. É importante observar as primeiras brincadeiras que o bebê pode realizar sozinho, como o que Winnicott descreve como “a capacidade de ficar só na presença da mãe” (idem, 2000).

Numa creche, torna-se então muito importante prover a criança com os recursos para ajudá-la nessa transição na direção de uma autonomia psíquica gradual. Esse será o papel da cuidadora de referência da criança, que acompanha o bebê durante o período de adaptação e continua sendo sua cuidadora principal durante sua permanência no grupo no qual foi inserido. A observação do bebê é também de grande valia na creche, especialmente para aquelas crianças que não manifestam uma reação forte e barulhenta, como chorar e protestar abertamente, mas sim têm reações silenciosas, indicando como uma espécie de desistência. Outro modo de reação infantil é de se agarrar a uma percepção ou a uma sensação, o investimento ficando concentrado sobre um único objeto, em detrimento de outras áreas de atividade. Ajudar a criança nessa situação é apoiá-la para superar essas reações, de modo que ela possa desenvolver estratégias mais elaboradas para lidar com as ansiedades de separação.

Formação e supervisão

Têm o objetivo de oferecer aos educadores e cuidadores o conhecimento a respeito do desenvolvimento infantil necessário

para que entendam seu papel central para responder às necessidades relacionais e emocionais do bebê. Isso é tanto mais importante no contexto brasileiro já que não temos uma preparação educacional especializada para essa profissão, como dissemos anteriormente. O que significa que em geral o treinamento prévio e a formação permanente têm de ser assumidos pela coordenação da creche, com a ajuda e a contribuição de especialistas externos convidados a participar das atividades da equipe e a oferecer cursos sobre temas específicos.

Muitos temas precisam ser tratados durante as atividades de formação, para abordar a complexidade envolvida no fato de um bebê freqüentar uma creche. Entretanto, há alguns aspectos que precisam ser mais enfatizados:

1. É um desafio para a creche conseguir propor e construir uma nova relação com o bebê que seja significativa, contribuindo para sua constituição psíquica e para seu desenvolvimento, mas que preserve ao mesmo tempo todo o lugar para a relação parental. A relação com a educadora deve ser complementar e não substitutiva da relação parental. Trata-se de ocupar um lugar profissional junto do bebê, distinto em sua essência do lugar materno ou paterno.

2. A relação entre a educadora de referência e a criança é a base para o desenvolvimento e o bem-estar emocional do bebê. No entanto, essa relação não deve ser exclusiva, ao contrário, ela visa também facilitar a vinculação da criança com seus pares, e com os demais adultos que cuidam dela. Trata-se de uma relação afetiva calorosa, significativa e confiável que representa para o bebê uma base e uma ponte para novas vinculações.

3. Uma atenção especial deve ser dedicada aos cuidados corporais, pois sabemos que a maior parte das experiências se passam através do corpo do bebê, o lugar de constituição, o lugar de experiências e de expressão das emoções que são a base

para o pensamento, para a constituição do psiquismo. A maneira como o adulto segura o bebê, como a cuidadora apresenta os objetos e brinquedos ao bebê, o tipo e o ritmo dos gestos, o respeito pelas características individuais da criança, tudo isso ajuda a constituir seus envelopes internos de contenção, de tal modo que ele possa organizar gradualmente suas sensações e experiências iniciais fragmentárias. Durante os cuidados, ocorrem os momentos de encontro privilegiado entre adulto e bebê, e esse pode contar com a atenção e a disponibilidade psíquica do adulto que acolhe suas demandas e suas emoções, consolidando o sentido de seu próprio valor.

4. Uso da linguagem: a verbalização da cuidadora, dirigida ao bebê, quando ela o chama pelo seu nome, indica seu reconhecimento dele como pessoa. A explicação verbal oferecida ao bebê sobre o que está acontecendo com ele, o que será feito depois e porque isso se dará provê a criança com um suporte para construir suas capacidades emocionais e cognitivas, que são inseparáveis umas das outras. Em particular, a verbalização oferece à criança os meios para antecipar e prever os acontecimentos da sua vida diária, situando-a assim no interior da dimensão temporal e do contexto espacial, enquadrados fundamentais para seu desenvolvimento global.

Para que essa formação tenha lugar, alguns procedimentos devem ser incluídos como parte da rotina das atividades da creche. O mais importante é a reunião de supervisão, parte essencial da metodologia dessa creche. Essa reunião visa oferecer aos profissionais um tempo e um espaço para a expressão e a elaboração de suas questões, sentimentos e ansiedades relacionadas com o trabalho desenvolvido com crianças pequenas e seus pais. Aqui cabem também as discussões a respeito dos dados colhidos pelas observações do bebê, realizadas pela psicóloga em complementaridade àquelas feitas pelas educadoras e cuidadoras durante o contato diário com as crianças.

Em conclusão, o que é realmente difícil quando abordamos a complexidade do funcionamento de uma creche, podemos dizer que, além de ser um lugar de separação, uma creche é um lugar de vida e como tal um lugar para as descobertas, para alegrias, para mudanças. Especialmente, ela está presente na vida de uma criança durante um período de grande vulnerabilidade, mas sabemos muito bem que a vulnerabilidade traz com ela a potencialidade para a mudança, para a criação. Por essa razão, a creche pode prover efeitos terapêuticos para a criança, sua família e até mesmo para os profissionais envolvidos. No entanto, a condição para que isso se dê é que cada um de nós possa reconhecer o quanto está

tocado, mobilizado e modificado pelo bebê, por seus pais e pelos desafios implicados nessa prática institucional particular.

Referências

- ARAGÃO, R. O. (2001). O psicanalista na creche - acompanhando o bebê em situação de separação. In Camarotti, M. C. *Atendimento ao bebê: Uma abordagem interdisciplinar*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- BOWLBY, J. (2002). *Apego: a natureza do vínculo* - vol. 1. São Paulo: Martins Fontes.
- BRASIL, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1996). Texto disponível na internet no endereço <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>
- WINNICOTT, D. W. (2000). *Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas*. Rio de Janeiro: Imago.